

**Samilly Helena Moreira da Cruz\***

Universidade Federal do Pará (UFPA)

**Cristiane de Mesquita Alves\*\***

Universidade Federal do Pará (UFPA)

## *Slam*, uma forma de expressão da poesia de (re) existência das autoras brasileiras surdas: Gabriela Grigolom e Catharine Moreira

**Resumo:** O objetivo deste artigo é apresentar a poesia, no gênero *slam*, produzida por mulheres surdas brasileiras e demonstrar que elas empregam este gênero artístico-literário como um meio de promover o combate, a resistência e a (re) existência feminista surda. Assim, esta investigação foi produzida a partir da análise interliterária dos poemas sinalizados em Língua Brasileira de Sinais (Libras) e escritos em português de Gabriela Grigolom, mais conhecida por Negabi, e Catharine Moreira. Para tanto, a pesquisa foi organizada com base em um dos resultados do Programa de voluntários em Iniciação Científica da Universidade Federal do Pará (PIVIC-UFPA), no decorrer de 2022-2023, que visava a desenvolver um estudo acerca da produção de literatura de autoria feminina em que fossem empregadas as temáticas: o feminismo e a inclusão social das mulheres.

**Palavras-chave:** Mulheres surdas, poesia, identidade

**Abstract:** The objective of this article is to present poetry, in the *slam* genre, produced by Brazilian deaf women and demonstrate how they use this artistic-literary genre, as a means of promoting combat, resistance and deaf feminist (re)existence. Thus, this investigation was produced based on the interliterary analysis of poems signed in Brazilian Sign Language (Libras) and written in Portuguese by Gabriela Grigolom, better known as Negabi, and Catharine Moreira. To this end, the research was organized based on one of the results of the Volunteer Program in Scientific Initiation at the Federal University of Pará (PIVIC-UFPA), during 2022-2023, which aimed to develop a study on the production of literature by female authors in which the following themes were used: feminism and the social inclusion of women.

**Keywords:** Deaf women, poetry, identity

## Introdução

O *slam*, na perspectiva de uma poesia surda, surgiu como forma de resistência a quem considerava a poesia um quase patrimônio de um pequeno grupo social e, muitas vezes, restrito apenas à manifestação escrita. Como um gênero literário e/ou interliterário, o *slam* se apresenta em novas estruturas, novos espaços, públicos e autores/as. A rua é um desses territórios em que esse estilo interliterário pode ser produzido. A poesia de rua – uma das denominações dadas ao *slam* – ganhou lugar e alcançou o mundo expressando um grito dos oprimidos, dando voz e corpo-voz a todos aqueles e aquelas cujas vozes foram ceifadas ao longo da historiografia artístico-literária.

Nesse sentido, um dos modos em que o *slam* se destaca, sendo pensado como reivindicação do lugar de fala de quem está sendo oprimido, é que ele é a poesia da favela para a favela (Teodoro 2019). Isto porque o movimento do *slam*, de maneira geral, começou com o intuito de dar voz às pessoas negras, que utilizavam o espaço das batalhas<sup>1</sup> para denunciar o racismo estrutural da sociedade e a opressão que o povo negro sofria/sofre todos os dias. As injustiças sociais e as precárias condições de acesso socioeconômicas e educacionais servem de conteúdos para a elaboração dessa categoria de poesia, que é apresentada ao público enquanto uma forma de resistência.

No caso das mulheres, elas usam esse espaço de criação poética para denunciar as heranças do patriarcado que têm raízes profundas no imaginário cristão-ocidental e se manifestam veementemente na sociedade atual. Elas denunciam os abusos, os medos e as violências contra o corpo feminino, assim como a revolta e a indignação de todas as comunidades marginalizadas socialmente, que ganham voz e vez nas apresentações dos *slams* produzidos por elas.

Nesse caminho, há também um grupo de artistas marginais que vem se destacando nas batalhas de *slam* e atribuindo novas características ao momento de apresentação pública: as pessoas surdas. Com esta nova modalidade de *slam* (o *slam* surdo), as vozes daqueles/as que todos os dias são silenciados/as pela sociedade podem ser visibilizadas nas chamadas batalhas, principalmente pelo acréscimo de uma nova linguagem: a Língua Brasileira de Sinais (Libras). No Brasil, os/as poetas surdos/as que compõem *slams* se organizaram em um movimento chamado de *O Slam do corpo*, sendo este um dos primeiros *slams* entre surdos e ouvintes da América Latina, promovido pelo coletivo *Corposinalizante*.

Nas batalhas de ouvintes, a poesia é a palavra e com ela o poeta expressa sua insatisfação de ver o mundo. Em contrapartida, nas poesias em Libras, o corpo também pode ser o poema. Todos os movimentos e expressões aproximam o público. Mesmo aqueles que não sabem Libras ficam ao redor do/da poeta que manifesta a sua indignação com as questões sociais. Neste sentido, o *slam* se reafirma como um movimento social, cultural e artístico “que tem sido utilizado como plataforma para criar espaços nos quais a manifestação da livre expressão poética, do livre pensamento e a coexistência em meio à diversidade são experienciados como práticas de cidadania” (D’Alva 2019: 270-271).

Nessa prática cidadã, as mulheres surdas trazem para a composição dos *slams* suas angústias, desejos, experiências, perspectivas, dificuldades por não conseguirem se comunicar com a sociedade de modo efetivo e acessível a todos/as. Desta maneira, estas mulheres por muito tempo ignoradas, e tantas outras, passaram a manifestar seu pensamento e seu sentimento na luta pela (re) existência a partir da produção de suas próprias poesias. Mas, apesar desta iniciante emancipação da mulher surda, ainda é difícil encontrar suas obras literárias ou interliterárias.

Sendo assim, este texto compartilha um dos resultados de uma pesquisa maior intitulada “*Slam: performance, combate e resistência na poesia produzida por escritoras surdas*” (Alves 2022), desenvolvida em um plano de trabalho voluntário, vinculado à Universidade Federal do Pará (Brasil), que procurou buscar autoras surdas, representativas da literatura surda, e apreender o modo como elas utilizaram a produção interliterária (escrita/Língua Portuguesa e performance/Libras) como um meio de promover o combate e a resistência feminista.

Desse modo, na sequência, apresentam-se a metodologia usada no trabalho, os resultados e as discussões que foram alicerçadas em estudo bibliográfico e documentação digital, principalmente no intuito de apresentar e divulgar a literatura de autoria feminina surda, seguidos de algumas conclusões e da lista dos pressupostos teóricos que foram empregados na argumentação desta investigação.

### Caminhos da pesquisa

A metodologia empregada na pesquisa foi *a priori* a bibliográfica, pelo método descritivo, com a finalidade de analisar interpretativamente e descrever os temas que abordam os valores sociais das poesias de mulheres surdas, com base nos textos sinalizados – os *slams*. O estudo partiu de uma revisão bibliográfica composta pelas leituras de alguns estudiosos sobre o tema do *slam* no Brasil, principalmente Estrela d’Alva (2019) e Santos (2018), entre outros pesquisadores que elaboram trabalhos pertinentes ao tema.

Dessa maneira, para elaborar a pesquisa e alcançar os objetivos propostos, foram selecionadas três poesias, de duas mulheres surdas, encontradas na plataforma do YouTube. As performances da poeta Gabriela Grigolom foram retiradas do Canal *Manos e Minas*, em um vídeo publicado em 2019 (*A Minha luta é pela mulher negra surda militante*), e do Canal *Mari Weigert*, em 2020 (*Meu movimento*). A performance de Catharine Moreira foi retirada do canal *Hand Talk*, postado em 2019 (*Onde tá a deficiência?*). Para esta pesquisa, os dados foram coletados em 2022/2023. Os poemas para a Língua Portuguesa escrita foram realizados por Samilly Helena Moreira da Cruz (também Tradutora e intérprete de Libras).

Grigolom e Moreira foram escolhidas por dialogarem com o propósito maior da pesquisa original, que é estudar a presença de mulheres surdas na literatura (Alves 2022). Depois de assistir a diversos vídeos, percebeu-se que as poetisas participam

constantemente de batalhas – *slam* – de poesias nas ruas, além de ser corpo-voz atuante na luta contra a repressão e opressão femininas, sobretudo em relação aos direitos da mulher surda, o que ajudou a entender os assuntos escolhidos por elas no ato da produção de suas poéticas- corpos.

Ademais, para este artigo, fez-se a digitação dos *slams* das duas autoras selecionadas, da Libras para a Língua Portuguesa, a fim de estabelecer um compartilhamento dos poemas sinalizados para a escrita e fazer a análise interliterária dos textos. Este estudo teve assim caráter interpretativo, com ênfase na observação e análise das performances das poetisas nos vídeos.

### Os *slams*, os poemas sinalizados, sua escrita em Língua Portuguesa e as autoras

Os resultados deste estudo consistiram em apresentar mais uma leitura em torno da representação feminista na literatura, a partir de interpretações crítico-reflexivas das poesias produzidas pelas mulheres surdas, no intuito de perceber o quanto essa produção poética é empregada como uma representatividade do discurso feminista surdo (Alves 2022).

No início, foi difícil encontrar as informações sobre os dados de vida e de obra das poetisas, pois os meios digitais e os bibliográficos não enfatizam as poesias de mulheres surdas no Brasil de modo mais preciso e efetivo. Encontradas as poetisas, outra dificuldade surgiu: buscar vídeos que mostrassem os *slams* em suas apresentações completas, já que muitos vídeos focavam mais no Tradutor e intérprete de Libras (TILS) do que na artista ali presente.

Gabriela e Catharine dominam o palco e prendem a atenção daqueles/as que ali estão; a Libras é a língua, a linguagem estética que se transforma em performance. Em suas apresentações, o Tradutor e intérprete de Libras não se destaca na cena, ao contrário, ele faz parte da cena. Tudo é orquestrado de uma maneira que parece uma dança.

No início das apresentações dos *slams*, a poeta, também denominada de *slammer*, começa fazendo um sinal em Libras que acompanha o movimento de seu corpo. Essa performance ganha vida e vai para além da Libras, no momento em que o ato performático poético acontece:

O corpo se expressa e se comunica a partir do instante em que a poesia invade as cavernas das sensações, elevando o estado sensível do poeta para um universo de movimentos que não foram ensaiados e muito menos determinados. A voz e os gestos ganham amplitude, a cada momento, num fazer e refazer de novos sentidos e significados, abrindo os canais da comunicação para o que ainda não foi vivido e alargando o horizonte da percepção. (Ferreira 2011: 137)

A partir do instante em que a poeta alarga o horizonte da percepção no processo de criação da performance poética, ela se encontra diante dos modos de fazer e usar

a poesia, já que, nas apresentações dos poemas na modalidade *slam*, a construção poética ocorre normalmente ao vivo, frente ao público que participa do espetáculo. Desse jeito, fazer uma poesia no gênero *slam* surdo explora diversos procedimentos artísticos (poesia, teatro, dança, recitação, performance) e linguísticos (Libras e Língua Portuguesa), além de envolver diretamente na “encenação” dos gestos poéticos – como instruções performativas – os mecanismos de tradução intersemiótica implicados nas performances. Isso se deve ao fato de que

Na tradução Intersemiótica como na transcrição de formas o que se visa é penetrar pelas entranhas dos diferentes signos, buscando iluminar suas relações estruturais, pois são essas relações que mais interessam quando se trata de focalizar os procedimentos que regem a tradução. Traduzir criativamente é, sobretudo, interligar estruturas que visam à transformação de formas. (Plaza 2010: 71)

A interligação de estruturas presente no *slam* surdo corresponde ao uso linguístico da Libras e da Língua Portuguesa, que será empregada para dar formas a esse modo de usar a poesia – e esta será traduzida em uma linguagem estética da Libras. Nesta tradução do poema surdo, há a transcrição das formas poéticas, ou seja, a poesia deixa de ser tradicionalmente manifestada por palavras escritas, e passa a ser organizada por meio dos sinais da Libras e da performance poética de cada artista.

A cada declamação, o corpo toma uma dimensão diferente, fazendo com que a voz e os gestos revelem novos movimentos e entonações e dê uma nova amplitude à expressão, proporcionando inusitadas comunicações entre o poeta e o público presente. O dizer poético amplia a dimensão corpórea para uma plasticidade de movimentos em que as palavras harmonizam o ritmo do corpo. (Ferreira 2011: 137)

Frente a essa descrição, considera-se a poesia do *slam* surdo como um corpo-voz, haja vista que se manifesta em um espaço entre o fazer poesia e o ser poesia. No ato das apresentações dos *slams*, Cauê Gouveia é o Tradutor e intérprete de Libras das duas poetisas. Ele tem um papel fundamental na mediação entre oralidade, tradução (da Libras para a Língua Portuguesa) e participa também das performances criadas pelas artistas. Cauê Gouveia segue as poetisas com maestria entre a Libras, a performance e a Língua Portuguesa, em um diálogo no qual a arte literária cumpre mais uma vez seu papel de engajamento e de inclusão.

Dessa maneira, Cauê Gouveia contribui de modo significativo para que os trabalhos dessas duas mulheres surdas tenham mais visibilidade. Apesar de ter sido uma tarefa bem difícil encontrar poesias completas delas no meio digital, esse foi um percurso investigativo de muito aprendizado. As duas poetisas estudadas, com sua produção interliterária, estão desmistificando os paradigmas dos modos de fazer e de usar poesia e

vêm apresentando suas poesias com vigor e força. As duas (re) significam até o imaginário social.

Não podemos deixar de citar que durante muitos anos, pessoas surdas passaram por procedimentos violentos, dolorosos, inclusive tendo mãos amarradas no ambiente familiar e em instituições de ensino, sendo impedidas de se expressar por meio das línguas de sinais. Em prol do que a sociedade ouvinte entende por “normalidade”, a oralização prevalecia como método de ensino-aprendizagem. Entretanto, mesmo com esse histórico, os gestos e a sinalização prevaleceram e atravessaram gerações, criando linguagens corporais presentes na população e na comunidade surda, é possível pensar nos gestos, na sinalização, que passou e passa por gerações, presentes na população e comunidade surda. (Santos 2018: 4 grifo da autora)

E agora, pela literatura, pelo *slam*, a comunicação em Libras da arte literária se torna um exemplo do quanto a sinalização prevaleceu e o quanto a Libras deve ser inserida em todos os ambientes, proporcionando assim uma maior inclusão/interação social entre as artistas surdas/os e o público.

### **Gabriela Grigolom: ativista, feminista, negra e surda**

Artista surda, Gabriela Grigolom tem diversas produções no campo da literatura, sobretudo no gênero poesia. Denomina-se *slammer*, uma poeta de rua. O *slam* é uma forma poética que surgiu em Chicago, nos Estados Unidos da América, em 1980, e foi desenvolvida na França na década de 1990. Desde então, ela tem se difundido por outros países, a exemplo do Brasil. A cantoria, conhecida no país, também designada *repente*, constitui uma arte tradicional brasileira que continua a movimentar públicos em vários espaços do território nacional, inclusive na comunidade surda. No *slam*, o

texto poético produzido visando à recitação, embora aconteça em grandes torneios, tem lugar principalmente em apresentações para pequenos públicos de ouvintes em espaços de pouca concentração de pessoas, como restaurantes, bares ou lugares especificamente destinados para essa prática. (Souza/ Kunz 2021: 3)

Sendo uma arte produzida em espaços públicos, na maior parte das apresentações, o *slam* vai se modificando e somando características conforme público e autor/a que o compõem, fazendo com que ele seja cada vez mais uma produção poética performatizada. Com a presença de escritores/as surdos/as, agora, o *slam* também é criado em Libras. Dentre essas artistas está Negabi. Ela é poeta, atriz, ativista feminista e surda. De Curitiba – Paraná (Brasil) –, ela recita suas poesias em Libras, em performances emocionantes. Negabi traz, enquanto feminista negra e surda, a importância da resistência, da luta por espaço e lugar de fala nas artes literárias. O lugar de fala é compreendido nesta situação,

quando corpos subalternizados reivindicam seu direito à vida, por meio do discurso (Ribeiro 2019). Assim, Negabi tece um mundo poético em que não só fala de seu lugar de surda, mas também reivindica, pelos versos em Libras, os direitos da mulher surda e negra, denunciando o preconceito contra a pessoa com deficiência e o racismo.

Um dos exemplos da manifestação desse lugar de fala pode ser verificado na poesia apresentada por Gabriela Grigolom no Encontro dos Estados Gerais da Cultura. A poeta trouxe um discurso eloquente, intenso e crítico-reflexivo, ao mostrar para o público o quanto a sociedade atual ainda não insere o surdo e não vê suas angústias. Isso pode ser observado nos seguintes versos:

*Meu movimento*

Eu tô procurando  
Eu quero ver meu movimento  
Olha esses ouvintes todos me olhando  
E a feminista  
A feminista surda  
Ela não consegue perceber  
Ela quer abrir uma porta para poder se entender  
Eu tô olhando  
Olha a mudinha aqui  
EU NÃO SOU MUDINHA  
EU TÔ FALANDO  
EU SOU SURDA<sup>2</sup>  
Eu tô te visualizando  
Não vem falar  
Não vem tirar sarro da minha cara  
Porque eu sou surda  
ME RESPEITA  
Eu sou feminista  
Eu sou lutadora  
Eu sou mulher negra  
Nós  
Surdas  
Somos  
Violentadas  
Bloqueio de comunicação  
Não tem como falar com a polícia  
Eu sofro  
Sou desrespeitada

Tenho limitação  
Porque eu tô sozinha  
Vou no hospital com gestação  
Nasce meu bebê  
Não tem comunicação  
Porque eu sou surda  
O médico não sabe sinalizar  
Cadê o intérprete  
Tô angustiada  
Bloqueada  
Limitada  
Tô olhando a sua boca falando  
Não tem curso  
Não tem bilinguismo  
Vocês querem que eu oralize  
Para de falar comigo  
Implante?  
Eu tenho que oralizar  
Não tô entendendo nada  
Não consigo me comunicar  
Por favor, intérprete vem para poder ajudar  
Para poder dá um alívio  
Eu posso ficar tranquila  
Eu quero bilinguismo  
Eu quero a minha língua  
No meu corpo  
Eu vou gritar  
Vamos?  
Vem apoiar  
Surdos  
Ouvintes  
Vamos somar  
Feministas juntas  
Movimento já  
NÃO SOU MUDA  
SOU MULHER NEGRA SURDA.  
(Grigolom 2020 s/p, copilada para o português por Cruz 2022)

A poesia de Gabriela Grigolom mostra sua insatisfação com as pessoas da sociedade que não respeitam as leis de inclusão para com a pessoa surda, e os problemas que ela



(surda) tem que enfrentar por sua língua, a Língua Brasileira de Sinais (Libras), não ser respeitada, de modo efetivo, na sociedade brasileira.<sup>3</sup> Sua dor e indignação são sentidas em cada sinal. Tudo se torna ainda mais difícil porque os espaços sociais (como hospitais, escolas ou quaisquer outros ambientes) não têm a presença de uma pessoa sinalizante da Libras (o Tradutor e intérprete de Libras para prestar a acessibilidade comunicacional).

Em um vídeo disponibilizado por Gabriela Grigolom no Encontro dos Estados Gerais da Cultura (2021), ela conta o seu início na arte e o porquê de ter começado a escrever poesia: “Meu caminho na arte inicia pela minha família que também é envolvida artisticamente, mas meu caso sempre a arte sempre era sem acessibilidade, também vivia angustiada porque tinha um relacionamento abusivo e não sabia como denunciar” (Grigolom 2021: s/p).

Grigolom apresenta um tom confessional em sua produção poética. Segundo ela, estar em um relacionamento abusivo e não poder denunciar por falta de comunicação é ultrajante. Esse silenciamento feminino aumenta as variadas formas de opressão que uma pessoa surda sofre em situações de seu cotidiano, como ir a um hospital ou a uma delegacia denunciar abusos e violências. Neste contexto, Gabriela encontrou na poesia uma forma de fazer as denúncias. Outro exemplo se encontra nos versos:

*A Minha luta é pela mulher negra surda militante*

No meio do caminho  
Surge uma árvore  
Um dia de sol  
Poucas nuvens no céu  
Tempo abafado  
Coração apertado  
Esse calor me angustia  
Quanta imposição para eu falar  
Quantas barreiras para eu me comunicar  
Angustiada  
Tomo um porre  
Para me calar  
Respiro fundo  
Sinto o vento que bate no meu corpo  
Respiro fundo  
A língua de sinais está em minhas mãos  
É minha língua  
Luto pelo direito de usar  
Não me obrigue a oralizar  
Eu tenho a língua de sinais

Não me obrigue a falar  
Tenho a língua de sinais para me expressar  
Sou batalhadora  
Mulher, negra, surda  
Como aquelas árvores  
Eu tenho raízes resistentes e profundas  
Sim eu sou como uma árvore  
A minha luta é  
Pela mulher surda negra militante  
Somos resistência  
Junte a nós nessa luta  
Respiramos sentimentos  
Ouvimos com os olhos  
Nós somos assim  
Que nossa raiz cresça se espalhe  
E encontre outras árvores... como eu.  
(Grigolom 2019: s/p copilada para o português por CRUZ 2022)

A poesia de Negabi, embora com uma carga de denúncia e engajamento, é leve de ser lida, e quando se assiste a ela apresentando sua poesia em Libras, observa-se o peso social que o conteúdo carrega. A poeta chama os espectadores para um diálogo, fazendo-os refletir sobre qual o seu papel na sociedade, no que tange à questão da inclusão. Em entrevista para o canal no YouTube *Caminhos da arte TCC* (2018), perguntam a ela sobre o porquê de participar do *Slam da Resistência Surda*, e ela responde:

Eu uso a arte, a poesia e o feminismo, todos os estudos, as pesquisas que tenho dentro do feminismo, para que outras mulheres surdas e ouvintes também possam mudar, assim como eu mudei. Eu acho importante mostrar a autoestima. Depois que me conheceram, três mulheres mudaram suas vidas. A minha identificação, minha identidade antes não existia. Parece que o mundo era todo escuro, triste e só barreiras. Nós criamos o slam da resistência surda, que é muito importante lá em Curitiba, para mostrar para os ouvintes e para os surdos também que eles querem, que eles podem porque muito surdos em Curitiba ainda têm o pensamento muito fechado. A arte me mostrou que a vida é muito mais, muito mais importante. Eu acho isso importante para influenciar a sociedade, ouvintes e surdos que entendem que os surdos não têm limitações. (Grigolom 2018: s/p)

Nessa entrevista, Grigolom demonstra o quanto a arte foi fundamental para que ela manifestasse seu pensamento de modo crítico. Semelhante a ela, outra mulher surda encontrou na arte interliterária uma forma de expressão de seu pensamento de (re) existência e resistência: Catharine Moreira.

### Catharine Moreira: mulher e identidade surdas

Catharine Moreira também é uma *slammer* surda, brasileira de Curitiba (PR). Ela possui graduação em Engenharia de Telecomunicações pela Universidade Santa Cecília (2006). Co-fundadora do grupo *Transciativas*, contadora de histórias em Libras, organiza e ministra oficinas. Considera-se uma multiartista. Em seus trabalhos, as linguagens artísticas do corpo e da Libras se fazem presentes na composição de textos na forma de poesia, de teatro, nas performances, música, dança, cinema, etc. Participa/ou de diversos eventos de *slams* e festivais da Comunidade Surda.

A poeta Catharine e o Tradutor e intérprete de Libras Cauê Gouveia fazem parte do coletivo *Slam do corpo*. Como em uma dança, Catharine e Cauê se apresentam em sintonia, interdialogando entre Libras e Língua Portuguesa. As apresentações são repletas de críticas sociais. O exemplo, a seguir, mostra a força da poesia de Catharine.

*Onde tá a deficiência?*

Onde tá a deficiência?

Uma menina queria ser artista

Apaixonada por teatro e dança

Ela fazia testes para entrar em grupos

E passava

Com louvor

Deixava todos boquiabertos

Até que descobriram um detalhe

Ela é surda

Surdo não pode dançar?

É pecado

Cercada de ouvintes

Ela era deixada de lado

Onde tá a deficiência?

Tentando construir uma vida nova

A menina foi estudar engenharia

Intérprete na sala de aula?

[Sinaliza, que procura e não encontra]

Cercada de ouvintes

Ela batalhava durante anos

Para conseguir o seu espaço

A faculdade não quer pagar um intérprete

A menina entendia o que os ouvintes falavam

Os ouvintes não entendiam o que ela falava  
Onde tá a deficiência?  
No trabalho  
Era perfeita  
Se destacava  
A menina tinha se transformado  
Numa mulher  
E, agora  
Ela estava cercada de homens  
Nunca uma igual  
Não importa sua capacidade  
O mundo diz que falta alguma coisa  
Ela que nasceu se sentido inteira  
Nunca deu falta dessa falta de audição  
Quando chegou a crise  
No fim da linha  
O sexo foi o corte  
Onde tá deficiência?  
Frustrada  
Com raiva  
Cansada  
Ela só queria comunicar  
Um sinal simples  
[uma banana – expressão com o braço dobrado]

Essa menina tem muitos nomes  
Muitos rostos  
Nomes que são silenciados  
Quando uma dessas mulheres tá aqui  
Diante de você  
Onde tá a deficiência?  
[sinaliza que não quer].  
(Moreira 2019: s/p copilada para o português por Cruz 2022)

Catharine apresentou uma poesia que contempla as dificuldades do que é ser uma mulher surda nos espaços frequentados por ouvintes. Sua apresentação do *slam* foi rica em expressões faciais e corporais – elementos próprios da Libras. Cada detalhe levava o público a compreender a angústia do eu-poético de Catharine. No momento em que Cauê Gouveia parou de fazer a tradução da Libras para o português, a poesia não deixou de ter sentido ou de ser entendida pelas pessoas que ali estavam assistindo.

A *slammer* mostrou um domínio poético e crítico impressionantes.

O texto poético de Catharine aborda outras questões que estão entrelaçadas às dificuldades do que é ser uma pessoa surda na sociedade dos ouvintes, como a questão de gênero. Os versos “Nunca deu falta dessa falta de audição/Quando chegou a crise / No fim da linha /O sexo foi o corte” exemplificam o quanto o corpo feminino ainda é penalizado e restrito a muitas atividades, que ao final serão realizadas por um homem. O que é deficiência?, questiona o eu-poético, e a pergunta se estende a uma denúncia ao preconceito contra o corpo da mulher duas vezes: gênero e surdez.

Silva (2010: 563) já apontava que o preconceito contra os corpos femininos também “podia estar vinculado à inclusão de um indivíduo em uma categoria, perfilando, assim, uma identidade grupal hegemônica a partir da atribuição de um conjunto de características negativas, fixas e imutáveis ao grupo”. Pelos versos de Catharine, essa categorização em relação a ela – enquanto uma mulher surda e outras mulheres que estão em condições semelhantes a sua – pode ser observada pela desqualificação desse corpo feminino em muitos espaços. “Assim, quanto mais um indivíduo se identifica com as características desse grupo, mais passa a fazer parte dele, vindo a sofrer as consequências pela sua inclusão no grupo discriminado.” (*idem*: 563). Isto é, identificar-se como uma mulher surda pode ser entendido como estar inserida no grupo de deficiência. Mas que deficiência? No poema, até a chegada de um grupo social que enxerga a falta de audição como deficiência, o eu-poético afirma que ele não via falta nele.

Na verdade, o que o texto de Catharine traz é também uma grande reflexão para toda a sociedade de surdos e ouvintes compreender a importância das diferenças entre as pessoas, pois, só assim, ocorrerá o fim desse preconceito e da violência contra a mulher.

Logo, percebe-se no decorrer da leitura e interpretação dos *slams* de Gabriela e Catharine, a participação de duas mulheres surdas na produção do campo artístico-literário, procurando assegurar os direitos de igualdade das pessoas surdas em todos os aspectos sociais. Seus *slams* estão intimamente vinculados aos processos de constituição da identidade surda, além de (re) significar o modo de fazer da poesia, do próprio *slam*, em sua definição de gênero artístico-literário, ao inserir nova linguagem de representação, como a Libras, e novas pautas ao conteúdo da elaboração de performance poética, com a presença do corpo feminino e feminismo surdos. As autoras reconhecem a contribuição do movimento feminista na política emancipatória, requisito fundamental para a construção da autoidentidade das mulheres, em qualquer campo da pluralidade do que é ser feminista.

### Algumas Conclusões

Depois da apresentação dos *slams* e das poetisas surdas, chega-se a pontuar algumas considerações para uma conclusão desta breve pesquisa em torno da literatura surda brasileira produzida por mulheres na atualidade.

Quando esta pesquisa se iniciou, deparou-se com o desafio de encontrar mulheres surdas que fossem *slammers*, e, o mais importante, protagonistas das suas poesias. Mas, depois de assistir a muitos vídeos, chegou-se aos *slams* de duas mulheres surdas que produziam/produzem conteúdos voltados para a identidade, cultura e feminismo surdos.

Suas produções (re) significam hoje um novo campo de estudos na literatura, sobretudo na de autoria feminina e das margens, inclusive modificam a visão de muitos pesquisadores/as no Brasil, que estudavam até então a literatura surda, muitas vezes, como reproduções, traduções e adaptações de obras de ouvintes para surdos, a exemplo das fábulas, contos, etc.

Catharine e Gabriela transformam o espaço de fala da literatura surda no Brasil, resistem a formas caricaturais e marginais, trazem à discussão problemas sociais reais enfrentados no cotidiano do que é ser mulher surda em um país marcado, infelizmente, pelas desigualdades de gênero, de raça e de classe e por um quadro amplo de violências contra as mulheres. Elas representam essas pautas por meio da literatura, sem dúvidas, fazendo-se valer de uma das funções mais fundamentais e universais da literatura, a busca pela conscientização e pela valorização dos direitos humanos.

Portanto, nas leituras e análises desses textos, buscou-se desenvolver uma pesquisa que atribua visibilidade a uma literatura das margens, valorizando, assim, mais um lugar de fala-corpo-voz de mulheres que expressam seus pensamentos e opiniões por meio de outra linguagem, capaz de sinalizar o quanto elas produzem histórias que merecem ser estudadas e propagadas na sociedade, a fim de demonstrar o quanto esses textos-corpos-vozes são responsáveis por atribuir visibilidade à literatura e à performance de mulheres surdas.

## NOTAS

\* Samilly Helena Moreira da Cruz é graduanda em Letras Libras pela Universidade Federal do Pará (UFPA-Campus Belém). Integrante do Grupo de Pesquisa Mulheres Amazônidas e Latino-americanas na Literatura e nas Artes (MALALAS-UFPA/CNPq). Bolsista Voluntária de Iniciação Científica 2022/2023 sob orientação da Profa. Dra. Cristiane de Mesquita Alves.

\*\* Cristiane de Mesquita Alves é Pós-doutora em Literaturas Espanhola e Hispano-americana (FFLCH/USP). Doutora em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC-UNAMA/Bolsista Prosup/CAPES). Professora Adjunta do Instituto de Letras e Comunicação da Universidade Federal do Pará (ILC/UFPA). Líder do Grupo de Pesquisa Mulheres Amazônidas e Latino-americanas na Literatura e nas Artes (MALALAS-UFPA/CNPq).

<sup>1</sup> *Batalhas* é como se chamam as apresentações e/ou recitações, movimentos corpóreo-poético (no caso das mulheres surdas) dos *slams* em espaços públicos.

<sup>2</sup> A poesia escrita para a Língua Portuguesa foi uma compilação de Samilly Helena Moreira da Cruz, uma vez que a poesia está performatizada em Libras (Língua Brasileira de Sinais) pelas poetisas e traduzida da Libras para ao Português pelo Tradutor e intérprete de Libras Cauê Gouveia.

<sup>3</sup> No Brasil há dentre as leis federais de inclusão para a pessoa surda, a Lei 10.436/2002, sancionada no dia 24 de abril de 2002, que reconheceu a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como meio legal de comunicação e expressão. A lei também garante que as pessoas surdas sejam tratadas de forma adequada pelas instituições públicas e outras leis que asseguram a presença de um Tradutor e Intérprete de Libras no acesso comunicacional para as pessoas surdas.

## Bibliografia

Alves, Cristiane de Mesquita (2022), “*Slam: performance, combate e resistência na poesia produzida por escritoras surdas*” - PIVIC - VOLUNTÁRIO 2022 (01/08/2022 a 31/07/2023)- EDITAL PIVIC - 16/2022. In: *Catálogo prosético: a escrita feminina na Literatura Amazônica e Latino-americana*. Universidade Federal do Pará, Belém.

D’Alva, Roberta Estrela (2019), “*Slam: voz de levante*”. *Rebento*, São Paulo, nº. 10: 268-286, julho, <<https://www.periodicos.ia.unesp.br/index.php/rebento/article/view/360>> (último acesso em: 28/03/2023).

Ferreira, Gilmar Leite (2011), “A performance poética”. *Repertório*, Salvador, nº 17: 136-142. < <https://periodicos.ufba.br/index.php/revteatro/article/view/5734/4140>> (último acesso em: 08/05/2023).

- Grigolom, Gabriela (2018), “Entrevista”, In: *Caminhos da Arte TCC*. < [https://www.youtube.com/watch?v=k\\_fkYhm6GDE](https://www.youtube.com/watch?v=k_fkYhm6GDE)> (último acesso em: 08/05/2023).
- (2019), *Manos e Minas. Negabi, a minha luta é pela mulher negra, surda, militante*. < [https://www.youtube.com/watch?v=7FuNSTiJl\\_k](https://www.youtube.com/watch?v=7FuNSTiJl_k)> (último acesso em: 08/05/2023).
- (2020), Entrevista a jornalista Mari Weigert. < <https://youtu.be/F6Zj8hvg3Qw>> (último acesso em: 20/06/2023).
- (2021), “Slam de Gabriela Grigolom – artista, ativista, feminista, negra, surda. Youtuber”. In: *Canal Mari Weigert*, 02 nov. <[https://www.youtube.com/watch?v=F6Zj8hvg3Qw&ab\\_channel=MariWeigert](https://www.youtube.com/watch?v=F6Zj8hvg3Qw&ab_channel=MariWeigert)> (último acesso em: 08/05/2023).
- Moreira, Catharine; Gouveia, Cauê (2019), *Hand Talk. Link 2019: Catharine Moreira e Cauê Gouveia (slam do corpo – Poesia em Libras 3)*. <<https://www.youtube.com/watch?v=3ZoCT8uczEA>> (último acesso em: 06/05/2023).
- Plaza, Julio (2010), *Tradução Intersemiótica*. São Paulo, Perspectiva.
- Ribeiro, Djamilá (2019), *Lugar de fala*. São Paulo, Pólen.
- Santos, Natielly de Jesus (2018), “Slam do corpo e a representações da poesia surda”. *Revista de Ciências Humanas*, vol.18, nº2, jul. Dez. <<https://periodicos.ufv.br/RCH/article/view/8688>> (último acesso em: 28/05/2023).
- Silva, Sergio Gomes da (2010), “Preconceito e discriminação: as bases da violência contra a mulher”. *Psicologia: ciência e profissão*, v. 30, p. 556-571, <<https://www.scielo.br/j/pcp/a/rzhdT5gCxp8sfQm4kzWZCw/?format=pdf&lang=pt>> (último acesso em: 28/03/2023).
- Souza, Tiago Barbosa; Kunz, Martine Suzanne (2021), “Cantoria Brasileira e Slam: poéticas da performance”. *Rev. Bras. Estud. Presença*, Porto Alegre, v. 11, n. 2, <<https://seer.ufrgs.br/presenca/article/view/102580>> (último acesso em: 28/03/2023).
- Teodoro, Tawane (2019), *Fogo nos Racistas*, Slam da Guilhermina <<https://www.youtube.com/watch?v=gq9aL64yol4>> (último acesso em: 28/05/2023).